

Da autora de *Como eu era antes de você*

intrínseca

# Um mais um



# JOJO MOYES

“Majestoso, absolutamente irresistível.”

*The Independent*





Um  
mais  
um

JOJO MOYES

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



Copyright © Jojo's Mojo Limited, 2014

TÍTULO ORIGINAL

The one plus one

PREPARAÇÃO

Valéria Prest

REVISÃO

Milena Vargas

Luiz Felipe Fonseca

DIAGRAMAÇÃO

editoriarte

DESIGN DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899u

Moyes, Jojo, 1969-

Um mais um / Jojo Moyes ; tradução Adalgisa Campos da Silva. – 3. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

320 p. ; 23 cm.

Tradução de: The one plus one

ISBN 978-85-510-0210-0

1. Ficção inglesa. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Título.

14-18057

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2017]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

A Charles





## AGRADECIMENTOS

Agradeço como sempre às minhas incríveis equipes da Penguin de ambos os lados do Atlântico. Na Penguin do Reino Unido, sou particularmente grata a Louise Moore, Clare Bowron, Francesca Russel e Elizabeth Smith, e também a Mari Evans e Viviane Basset. Nos Estados Unidos, agradeço a Pamela Dorman, Kiki Koroshetz, Louise Braverman, Rebecca Lang, Annie Harris e Carolyn Coleburn. Sou grata também a todos os assistentes de mídia — Cindy Hamel Sellers, Carolyn Kretzer, Debb Flynn Hanrahan, Esther Levine, Larry Lewis e Mary Gielow —, que dedicaram um tempo considerável a mim em 2014. Na Alemanha, meus agradecimentos vão para Katharina Dornhofer, Marcus Gaertner e Grusche Junker e toda a equipe da Rowohlt, por seu trabalho maravilhoso.

Na Cutis Brown, agradeço, mais uma vez, à minha incansável agente Sheila Crowley e a Rebecca Ritchie, Katie McGowan, Sophie Harris, Rachel Clements e Alice Lutyens, assim como a Jessica Cooper, Kat Buckle, Sven van Damme e, é claro, a Jonny Geller.

Agradeço a Robin Oliver e a Jane Foran por conselhos sobre a legislação que trata de informações privilegiadas. Como precisei distorcer ligeiramente o processo legal para adequá-lo à trama, quaisquer erros ou irregularidades são inteiramente meus.

De modo geral, agradeço a Pia Printz, Damian Barr, Alex Heminsley, Polly Samson, David Gilmour, Cathy Runciman, Jess Ruston e Emma Freud, bem como à turma na Writersblock, pelas excelentes pausas narrativas. E também pelo extraordinário nível da ajuda, dos conselhos e da amabilidade, Ol Parker e Jonathan Harvey: obrigada.

Mais perto de casa, meus agradecimentos a Jackie Tearne, Chris Luckley, Claire Roweth, Vanessa Hollis e Sue Donovan, sem as quais eu não teria sido capaz de escrever este livro.

Agradeço a Kieron e Sharon Smith e sua filha Tanzia, cujo nome dei à personagem principal deste livro por prezar seu generoso lance num leilão de caridade em benefício do Stepping Stones Down Syndrome Support Group.

E agradeço a meus pais, Jim Moyes, Lizzie e Brian Sanders — e, principalmente, a Charles, Saskia, Harry e Lockie, por serem o cerne de tudo.





## PRÓLOGO

# ED

Ed Nicholls estava na sala de criação tomando café com Ronan quando Sidney entrou. Em pé atrás dele, havia um homem que Ed reconheceu vagamente, mais um dos Ternos.

- Estávamos à sua procura — disse Sidney.
- Bem, nos acharam — afirmou Ed.
- Não de Ronan, de você.

Ed observou-os por um instante, depois jogou uma bola vermelha de espuma no teto e pegou-a. Olhou de soslaio para Ronan. A Investacorp comprara metade das ações da empresa havia dezoito meses, mas Ed e Ronan ainda chamavam eles de os Ternos. Era um dos apelidos mais gentis que usavam para se referir a eles quando estavam sozinhos.

- Conhece uma mulher chamada Deanna Lewis?
- Por quê?
- Você deu a ela alguma informação sobre o lançamento do novo software?
- O quê?
- É uma pergunta simples.

Ed olhou de um Terno para outro. O clima estava estranhamente pesado. Seu estômago, que mais parecia um elevador lotado, iniciou uma descida lenta rumo a seus pés.

— Talvez a gente tenha conversado sobre trabalho. Que eu me lembre, nada específico.

- Deanna Lewis? — perguntou Ronan.
- Você precisa ser claro sobre isso, Ed. Deu a ela alguma informação sobre o lançamento do SFAX?

— Não. Talvez. O que está havendo?

— A polícia está lá embaixo revistando a sua sala, com dois caras da Autoridade de Serviços Financeiros. O irmão de Deanna foi preso por uso indevido de informações privilegiadas. Com base na informação que você deu aos dois sobre o lançamento do software.

- Deanna Lewis? *A nossa* Deanna Lewis?

Ronan começou a limpar os óculos, algo que fazia quando estava ansioso.

— O fundo *hedge* do irmão dela ganhou dois milhões e seiscentos mil dólares no primeiro dia de negociação. Deanna, sozinha, teve um lucro líquido de cento e noventa mil em sua conta pessoal.

— O fundo *hedge* do irmão dela?

— Não estou entendendo — disse Ronan.

— Vou explicar com todas as letras. Existe a gravação de uma conversa de Deanna Lewis com o irmão sobre o lançamento do SFAX. Ela diz que o Ed aqui contou que ia ser grandioso. E adivinhe só? Dois dias depois, o fundo do irmão dela está entre os maiores compradores das ações. O que exatamente você disse a ela, Ed?

Ronan olhou para o amigo. Ed se esforçou para organizar seus pensamentos. O ruído que fez ao engolir foi vergonhosamente audível. Do outro lado da sala, a equipe de desenvolvimento espiava por cima das divisórias dos seus cubículos.

— Não contei nada. — Ele piscou. — Não sei. Pode ser que eu tenha dito alguma coisa. Isso não era segredo de Estado.

— *Era* segredo de Estado, porra, Ed — retrucou Sidney. — Isso se chama uso de informações privilegiadas. Ela contou ao irmão que você tinha lhe fornecido datas, horas. Você disse a Deanna que a empresa ganharia uma fortuna.

— Então ela está mentindo! Falando demais. Nós estávamos apenas... a fim um do outro.

— Você queria comer a garota e por isso deu com a língua nos dentes para impressioná-la?

— Não foi assim.

— Você transou com Deanna Lewis? — perguntou Ronan, e Ed pôde sentir o olhar míope do amigo queimando-o até as entranhas.

Sidney ergueu as mãos.

— Você precisa ligar para o seu advogado.

— Como posso estar encrencado? — perguntou Ed. — Não me beneficieei em nada com isso. Nem sabia que o irmão dela tinha um fundo *hedge*.

Sidney olhou para além de Ed. Os rostos das outras pessoas de repente encontraram algo interessante para olhar em suas mesas. Ele baixou o tom de voz:

— Você tem que ir agora. Querem interrogá-lo na delegacia.

— O quê? Isso é loucura. Tenho uma reunião de software em vinte minutos. Não vou a delegacia alguma.

— E obviamente vamos afastá-lo até chegarmos à raiz disto.

Ed deu uma risadinha.

— Está de brincadeira? Você não pode me afastar. É a minha empresa. — Ele jogou a bola de espuma no ar e pegou-a, dando-lhes as costas. Ninguém se mexeu. — Não vou. Essa empresa é nossa. Diga a eles, Ronan.

Ele olhou para Ronan, mas este mantinha o olhar fixo no chão. Ed encarou Sidney, que balançava a cabeça. Por fim, olhou para os dois homens uniformizados que haviam surgido atrás de Sidney, para sua secretária, que tapava a boca com a mão, para o caminho de carpete entre ele e a porta, e a bola de espuma caiu silenciosamente entre seus pés.



## CAPÍTULO UM

# JESS

Jess Thomas e Nathalie Benson afundaram no assento da van delas, estacionada longe o bastante da casa de Nathalie para que não pudessem ser vistas lá de dentro. Nathalie estava fumando. Ela havia parado de fumar pela quarta vez seis semanas antes.

— Oitenta libras por semana, garantido. E férias remuneradas. — Nathalie deu um grito. — Caramba! Quero muito encontrar a puta que deixou aquele brinco e dar uma surra nela por nos fazer perder nosso melhor trabalho.

— Vai ver ela não sabia que ele era casado.

— Ah, ela sabia. — Antes de conhecer Dean, Nathalie se relacionara por dois anos com um homem que tinha não apenas uma, mas duas famílias do outro lado de Southampton. — Nenhum homem solteiro tem almofadas decorativas de cores combinando na cama.

— Neil Brewster tem — disse Jess.

— A coleção de música de Neil Brewster é sessenta, setenta por cento Judy Garland, trinta por cento Pet Shop Boys.

Elas faziam faxina juntas todos os dias úteis havia quatro anos, desde a época em que o Parque de Veraneio Beachfront era parte paraíso, parte canteiro de obras. Desde que os empresários do ramo imobiliário prometeram às famílias locais acesso à piscina e garantiram a todos que um grande empreendimento voltado para a classe A geraria benefícios para aquela cidadezinha costeira em vez de sugar o que restava de sua vida. O nome desbotado, FAXINA BENSON & THOMAS, fora pintado com estêncil na lateral da van branca. Nathalie acrescentara embaixo: “MEIO SUJO? PODEMOS AJUDAR?”, até Jess salientar que, durante dois meses inteiros, metade das ligações que elas haviam recebido não tinha nada a ver com faxina.

Praticamente todos os trabalhos delas agora eram no empreendimento imobiliário Beachfront. Quase ninguém na cidade tinha dinheiro — ou disposição — para contratar uma faxineira, exceto os médicos, o advogado e um ou outro cliente ocasional, como a Sra. Humphrey, cuja artrite a impedia de fazer ela mesma a limpeza. Por um lado, era um bom trabalho. Era possível ser autônoma, organizar o próprio horário e quase sempre escolher os clientes. A desvantagem, por incrível que pare-

cesse, não eram os clientes nojentos (e sempre havia pelo menos um cliente nojento), nem o fato de que limpar a privada de alguém deixava a pessoa com a sensação de estar longe de onde planejava chegar. Jess não se incomodava em tirar chumaços de cabelo do ralo dos outros nem com o fato de que, em sua maioria, as pessoas que alugavam casas de veraneio pareciam se sentir na obrigação de passar uma semana vivendo como porcos.

O que a desagradava era acabar descobrindo muito mais do que queria sobre a vida alheia.

Jess poderia contar sobre o hábito de compras secreto da Sra. Eldridge: as notas fiscais de sapatos de grife com as quais ela enchia a lixeira do banheiro, e as sacolas com roupas que nunca haviam sido usadas, mantidas no guarda-roupa ainda com as etiquetas. Ela poderia contar que Lena Thompson vinha tentando engravidar havia quatro anos, e fazia dois testes de gravidez por mês (os boatos eram de que ela não tirava as calças). Poderia contar que o Sr. Mitchell, morador da mansão atrás da igreja, ganhava um salário de seis dígitos (ele deixava os contracheques na mesa do hall de entrada; Nathalie jurava que ele fazia isso de propósito) e que a filha dele fumava escondido no banheiro.

Se quisesse, Jess poderia nomear quais mulheres saíam com uma aparência imaculada — cabelo impecável, unhas feitas, levemente perfumadas com fragrâncias caras —, mas que não achavam nada demais deixar calcinhas sujas à vista no chão. Ou quais adolescentes largavam toalhas duras que ela não se arriscaria a pegar sem uma pinça. Havia os casais que dormiam em camas separadas todas as noites, as esposas repetindo com animação que andam tendo uma “quantidade incrível de visitas ultimamente” ao lhe pedirem que trocassem a roupa de cama do quarto de hóspedes, além dos banheiros que requeriam uma máscara de gás e um alerta contra substâncias nocivas.

E, então, de vez em quando, arranjava-se uma boa cliente como Lisa Ritter e chegava-se para passar aspirador na casa dela e ia-se embora com um brinco de brilhante e uma carga completa de conhecimento que realmente não teria feito falta.

— Deve ser da minha filha, da última vez que ela veio aqui em casa — disse Lisa Ritter, a voz tremendo ligeiramente com o esforço enquanto segurava o brinco. — Ela tem um par igualzinho a esse.

— É claro — concordou Jess. — Deve ter sido chutado para dentro do quarto da senhora. Ou carregado pelo sapato de alguém. A gente sabia que seria alguma coisa assim. Desculpe. Se soubesse que não era seu, nunca a teria incomodado com isso.

E percebeu naquele mesmo instante, quando a Sra. Ritter se afastou dela, que aquilo seria o fim. As pessoas não agradecem por lhes trazer más notícias.

No fim da rua, uma criancinha com roupas acolchoadas caiu suavemente no chão como uma árvore abatida e após um breve silêncio começou a chorar. A mãe,

com ambos os braços carregados de sacolas de compras perfeitamente equilibradas, ficou parada, olhando muda e consternada.

— Olhe, você ouviu o que ela disse na semana passada: Lisa Ritter se livraria da própria cabeleireira antes de se livrar de nós.

Nathalie fez a expressão que queria dizer que Jess poderia ver o lado bom de um apocalipse nuclear.

— Antes de se livrar das “faxineiras”. É diferente. Ela não vai ligar se somos nós ou o pessoal da Speedicleanz ou da Maids with Mops. — Nathalie balançou a cabeça. — Não. Para ela, de agora em diante, seremos sempre as faxineiras que sabem que o marido a trai. Isso importa para mulheres como Lisa Ritter. As aparências são tudo para elas, não são?

A mãe acomodou as sacolas no chão e parou para pegar a criança. Jess apoiou os pés descalços no painel e deixou o rosto pender nas mãos.

— Droga. Como vamos recuperar esse dinheiro, Nat?

— Aquela casa era impecável. Era basicamente um trabalho de polimento duas vezes por semana.

Nathalie olhou pela janela.

— E ela sempre pagava na hora.

Jess não parava de olhar para o brinco de brilhante. Por que elas não fingiram que não o tinham visto? Na verdade, teria sido melhor se uma delas simplesmente o tivesse roubado.

— Tudo bem, então, ela vai cancelar nosso serviço. Vamos mudar de assunto, Nat. Não posso me dar ao luxo de chorar antes do meu expediente no pub.

— E aí, Marty ligou essa semana?

— Eu não quero mudar para *esse* assunto.

— Bem, ele ligou?

Jess suspirou.

— Sim.

— Ele disse por que não ligou na semana passada?

Nathalie empurrou os pés de Jess para longe do painel.

— Não. — Jess conseguia sentir o olhar dela. — E não, ele não mandou dinheiro algum.

— Ah, espere *aí*. Você tem que botar a justiça atrás dele. Não pode continuar tocando as coisas assim. Ele tem que mandar dinheiro para os filhos.

Aquela era uma discussão antiga.

— Ele... ele ainda não está bem — disse Jess. — Não posso pressioná-lo mais. Marty continua desempregado.

— Bem, agora você vai precisar desse dinheiro. Até arranjarmos outro serviço como o de Lisa Ritter. Como vai Nicky?

— Fui à casa do Jason Fisher falar com a mãe dele.

— Está brincando. Aquela mulher me assusta. Ela disse que ia mandar ele deixar Nicky em paz?

— Algo assim.

Nathalie manteve os olhos fixos em Jess e baixou um pouco o queixo.

— Ela me disse que se eu pusesse os pés mais uma vez na casa dela, me daria uma surra daquelas. Em mim e nos meus... o que ela falou mesmo? ... em mim e nos meus “filhos anormais”. — Jess abaixou o espelho do carona e deu uma olhada no cabelo, puxando-o para trás num rabo de cavalo. — Ah, e depois me disse que o Jason querido dela não faria mal nem a uma mosca.

— Típico.

— Tudo bem. Eu estava com Norman. E, bendito seja, ele fez um cocô enorme ao lado do Toyota deles, e, de alguma forma, me esqueci de que tinha uma sacola plástica no bolso.

Jess tornou a colocar os pés para cima.

Nathalie empurrou-os mais uma vez para baixo e limpou o painel com um pano úmido.

— Mas falando sério, Jess. Faz quanto tempo que Marty saiu de casa? Dois anos? Você é jovem. Não pode ficar esperando que ele dê um jeito na vida. Tem que tomar as rédeas de novo — disse Nathalie, fazendo uma careta.

— Tomar as rédeas de novo. Legal.

— Liam Stubbs gosta de você. Poderia muito bem tomar as rédeas dele.

— Qualquer par comprovado de cromossomos X poderia tomar as rédeas de Liam Stubbs.

Jess fechou o vidro.

— Estou melhor lendo um livro. Além do mais, acho que as crianças já tiveram muita perturbação na vida sem brincar de “vou apresentar um novo tio”. Certo? — Ela ergueu os olhos e torceu o nariz para o céu. — Tenho que preparar o chá e depois preciso me arrumar para o pub. Vou dar uns telefonemas antes de ir, ver se algum cliente quer um trabalho extra. E, nunca se sabe, ela pode não cancelar nosso serviço.

Nathalie baixou o vidro e soltou uma longa baforada de fumaça.

— Com certeza, Dorothy. E nosso próximo trabalho será fazer faxina na Cidade Esmeralda no fim da Estrada de Tijolos Amarelos.

O número quatorze da Seacole Avenue estava tomado pelo barulho de explosões. Tanzie calculara recentemente que, desde que Nicky completara dezesseis anos, ele passara oitenta e oito por cento de seu tempo livre no quarto. Mas Jess não podia culpá-lo.



Ela largou a caixa com o material de faxina no hall, pendurou a jaqueta, subiu a escada sentindo o leve desalento habitual com o estado surrado do carpete, e empurrou a porta do quarto do menino. Ele estava usando fones de ouvido e atirando em alguém. O cheiro de maconha era forte, o suficiente para deixá-la tonta.

— Nicky — disse ela, e alguém explodiu com uma saraivada de balas. — Nicky. — Jess foi até ele, puxou-lhe os fones de ouvido e o garoto se virou com uma expressão confusa, como a de uma pessoa que é acordada de repente. — Dando duro, não é?

— Intervalo no estudo.

Ela pegou um cinzeiro e estendeu-o para ele.

— Pensei que já tivesse lhe pedido.

— É da noite passada. Não consegui dormir.

— Dentro de casa não, Nicky.

De nada adiantava proibir completamente. Todos eles faziam aquilo na região. Jess dizia a si mesma que tinha sorte por ele só ter começado aos quinze anos.

— Tanzie já voltou?

Ela parou para catar meias e canecas jogadas no chão.

— Não. Ah, ligaram da escola depois do almoço.

— Para quê?

Nicky digitou alguma coisa no computador e depois se virou de frente para ela.

— Não sei. Alguma coisa sobre a escola.

Ela levantou uma mecha daquele cabelo preto tingido, e lá estava: uma nova marca na maçã do rosto. Nicky se esquivou.

— Você está bem?

Ele deu de ombros e desviou os olhos dela.

— Vieram de novo atrás de você?

— Estou bem.

— Por que não me ligou?

— Meu celular está sem crédito.

O menino se recostou e disparou uma granada virtual. A tela explodiu numa bola de fogo. Ele recolocou os fones de ouvido e voltou-se para a tela.

Nicky fora morar em tempo integral com Jess havia oito anos. Era filho de Marty com Della, uma mulher com quem seu ex-marido teve um breve relacionamento na adolescência. O garoto chegara calado e desconfiado, pernas e braços finos e compridos, um apetite voraz. Sua mãe começara a andar com uma nova turma até por fim desaparecer em algum lugar na região de Midlands com um homem chamado Big Al, que nunca olhava ninguém nos olhos e segurava uma indefectível lata de cerveja Tennent's Extra no punho avantajado. Nicky fora encontrado dormindo

no vestiário da escola, e quando as assistentes sociais voltaram a ligar, Jess disse que o menino podia ir morar com eles.

— É justamente do que você precisa — observou Nathalie. — Mais uma boca para alimentar.

— Ele é meu enteado.

— Você o viu duas vezes em quatro anos. E você ainda nem tem vinte.

— Bem, as famílias são assim hoje em dia.

Ela às vezes se perguntava se aquilo fora a gota d'água. O motivo que fizera Marty abdicar completamente da responsabilidade em relação à família. Mas Nicky era um bom garoto por baixo de todo aquele cabelo preto brilhoso e do delineador. Era amável com Tanzie, e nos dias bons falava, ria e permitia a Jess um ou outro abraço sem jeito, e ela estava satisfeita com ele, mesmo que às vezes parecesse que, basicamente, tinha arranjado mais uma pessoa para deixá-la ansiosa.

Ela saiu para o jardim com o telefone e respirou fundo.

— Hum, alô? Aqui é Jessica Thomas. Recebi o recado para retornar a ligação. — Uma pausa. — Tanzie está...? Está... está tudo bem?

— Está tudo bem. Desculpe. Eu devia ter dito. Sou o Sr. Tsvangarai, professor de matemática da Tanzie.

— Ah.

Ela o visualizou: um homem alto de terno cinza. Cara de diretor de funeral.

— Eu queria falar com a senhora porque algumas semanas atrás tive uma conversa muito interessante com um antigo colega que trabalha na St. Anne's.

— Na St. Anne's? — Jess franziu o cenho. — Aquela escola particular?

— É. Eles têm um programa para crianças superdotadas em matemática. E, como a senhora sabe, já tínhamos identificado Tanzie como dotada e talentosa.

— Porque ela é boa em matemática.

— Mais do que boa. Bem, na semana passada lhe passamos a prova de qualificação. Não sei se ela mencionou isso. Mandeí uma carta para sua casa, mas não sei se a senhora a viu.

Jess apertou os olhos para uma gaivota no céu. Alguns jardins adiante, Terry Blackstone começara a cantar acompanhando o rádio. Ele era conhecido por imitar o Rod Stewart se achasse que não havia ninguém olhando.

— Recebemos os resultados hoje de manhã. E ela se saiu bem. Muitíssimo bem. Sra. Thomas, se estiver de acordo, eles gostariam de entrevistar sua filha para uma vaga subsidiada.

Ela se viu arremedando-o.

— Uma vaga subsidiada?

— Para certas crianças de habilidade excepcional, a St. Anne's abre mão de uma parte significativa dos pagamentos escolares. Isso quer dizer que Tanzie rece-

beria uma educação de alto nível. Ela tem um talento para números extraordinário, Sra. Thomas. Realmente acho que essa poderia ser uma grande oportunidade para a sua filha.

— A St. Anne's? Mas... ela teria que atravessar a cidade de ônibus. Precisaria dos uniformes e de todo o material. Ela... ela não conheceria ninguém.

— Ela faria amizades. Mas esses são apenas detalhes, Sra. Thomas. Vamos esperar e ver o que a escola oferece. Tanzie é uma menina talentosa. — Ele fez uma pausa. Como ela não disse nada, ele baixou a voz: — Ensino matemática há quase vinte e dois anos, Sra. Thomas. E nunca conheci uma criança que entendesse conceitos matemáticos tão bem quanto ela. Na verdade, acho que Tanzie está passando do ponto em que eu teria algo a lhe ensinar. Algoritmos, talvez, números primos...

— Tudo bem. É aí que o senhor me deixa confusa, Sr. Tsvangarai.

Ele riu.

— Vou manter contato.

Ela desligou o telefone e sentou-se pesadamente na cadeira de jardim de plástico branca, na qual crescera uma fina pátina de musgo cor de esmeralda. Fitou o nada. Pela janela viu as cortinas que Marty sempre considerara muito claras, o triciclo vermelho de plástico do qual nunca conseguira se livrar, as guimbas de cigarro da porta ao lado salpicadas como confete na entrada da casa, as tábuas podres da cerca por entre as quais o cachorro insistia em enfiar a cabeça. E apesar do que Nathalie classificava como seu otimismo francamente desorientado, Jess percebeu que seus olhos tinham ficado inesperadamente cheios d'água.

Havia um monte de coisas horríveis associadas ao fato de o pai dos seus filhos ter ido embora: os problemas financeiros, a raiva reprimida em nome das crianças, o modo como a maioria de suas amigas casadas agora a tratava como se ela fosse uma espécie de ladra de maridos em potencial. Pior do que isso, porém, pior do que a luta interminável e exaustiva que minava as finanças e as energias, era que ser chefe de família sozinha quando se estava totalmente despreparada para isso era, de fato, a posição mais solitária da terra.

## A mãe solteira de uma família caótica

As coisas andam ruins para Jess Thomas. Muito ruins. O marido se mandou. Ela tenta sustentar os dois filhos trabalhando em dois empregos. Sempre foi otimista. Sempre fez tudo certo. Como seria se, só uma vez, ela fizesse algo definitivamente errado, mas que poderia mudar a vida deles?

## Um homem esquisito que ela acha repugnante

Ed Nicholls é um milionário do ramo da tecnologia cuja vida está desmoronando quando ele se depara com Jess e a família na beira da estrada. Em um ato de generosidade (talvez o primeiro de sua vida), ele concorda em lhes dar a carona que poderá mudar para sempre a história de Jess.

## Um romance irresistível

Em *Um mais um* os opostos se atraem e duas pessoas ferozmente independentes aprendem que é possível encontrar o amor nos lugares mais improváveis. Jojo Moyes mostra seu melhor nessa história engraçadíssima e extremamente comovente. Quando virar a última página, você vai querer ler tudo de novo.

ISBN 978-85-510-0210-0



9 788551 002100

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)